

M

E

D

I

T

A

N

D

O



Mais otimismo em nossa vida

Martha Rios Guimarães

Nos últimos tempos, prognósticos pessimistas têm sido constantes em nossa rotina. Basta observar as conversas no transporte público, filas de banco e em outros momentos para percebermos essa tendência ao negativo.

Entre os principais motivos para isso estão: problemas econômicos (no Brasil e no mundo), aumento da violência, corrupção, baixa qualidade na educação e na saúde, conflitos em vários pontos do planeta etc.

Claro que as dificuldades existem em um mundo habitado por Espíritos imperfeitos. Mas acredito que devemos identificar o lado bom da vida e, assim, nos sentirmos mais fortalecidos e felizes.

Vejamos algumas razões para sermos otimistas. Começa pelo avanço da ciência, que continuará gerando resultados fantásticos para todos os seres humanos - caso da descoberta de remédios e cura para doenças hoje não tratáveis.

Outro ponto positivo é uma maior consciência dos cuidados com o meio ambiente; os avanços tecnológicos e seus inúmeros benefícios, a comunicação cada vez mais rápida, a inclusão e o respeito à diversidade, etc.

Prosseguindo nessa linha de otimismo, creio que a Casa Espírita - que vem passando por desafios como menor quantidade de público e de colaboradores, arrecadação mais baixa, entre outros -, também deve adotar uma postura de confiança no novo período.

Mesmo porque, estamos recomeçando um ciclo, momento ideal para traçar metas para o futuro. Além disso, os desafios são inerentes à jornada e, como Espíritas, aprendemos que cada obstáculo é uma oportunidade de crescimento. Por isso, devemos comemorar o fato de termos enfrentado adversidades, superando-as com resiliência e união, visando o bem da instituição e da Doutrina.

Também devemos comemorar o fato de entrarmos no novo ano com mais aprendizados. E, certamente, eles serão muito úteis para a construção de um ambiente mais acolhedor e inspirador para o público que recebemos.

Devemos abrir espaço para que o amor, base de todas as atividades desenvolvidas no meio Espírita, continue a nos orientar e a nos conectar com cada pessoa que chega até nós. E que ele continue inspirando cada gesto, cada palavra e cada tarefa que abraçarmos, na certeza de que o primeiro a se beneficiar do trabalho no bem é o próprio tarefeiro.

Estando juntos, somos mais fortes e poderemos enfrentar os desafios que surgirem com confiança em nós, em nossos pares, na Espiritualidade Maior e no Pai que jamais nos abandona.

Com determinação, cooperação e uma dose generosa de otimismo, podemos superar dificuldades, transformando-as em uma oportunidade de crescimento. Por isso, penso que 2024 pode ser um ano repleto de realizações, superações e, acima de tudo, de boa colheita.

Se cada um de nós se comprometer a oferecer o seu melhor, os resultados serão surpreendentes.

(*) Martha Rios Guimarães é relações públicas e jornalista, com pós graduação em Comunicação, escritora e participa do Centro Espírita Gabriel Ferreira (zona norte de São Paulo) e da União das Sociedades Espíritas do Estado de São Paulo. Contato através deste boletim: meditando.boletim@gmail.com.

FAZEI TUDO O QUE ELE VOS DIS-SER.

Maria (João, 2:5)

Boletim para Divulgação do Espiritismo

Fundado por Geraldo de Oliveira (1911 - 2005).

Redação : Celso de Oliveira
Sergio Pausic

Av. Charles Schneider, 1001 E 34
CEP 12040-000 Taubaté SP

www.meditando.info

[www.facebook.com/
BoletimMeditando](https://www.facebook.com/BoletimMeditando)

meditando.boletim@gmail.com

JANEIRO 2024
Número 0335

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

Atualmente apenas edição eletrônica.

“Ao fim do dia, antes do repouso, deve-se interrogar a própria consciência: O que fiz hoje? Faltei para com algum dever? Há algo que não cumpri? Alguém tem motivo para se queixar de mim? Foi assim que cheguei a me conhecer e a ver o que em mim precisava de reforma” – Agostinho – LE, questão 919

Grandes Vultos do Espiritismo

ANÁLIA EMÍLIA FRANCO

1856 – 1919



Seu nome de solteira era Anália Emília Franco. Após consorciar-se em matrimônio com Francisco Antônio Bastos, seu nome passou a ser Anália Franco Bastos, entretanto, é mais conhecida por Anália Franco.

Com 16 anos de idade entrou num Concurso de Câmara dessa cidade e logrou aprovação para

exercer o cargo de professora primária. Trabalhou como assistente de sua própria mãe durante algum

tempo. Anteriormente a 1875 diplomou-se Normalista, em S. Paulo.

Foi após a Lei do Ventre Livre que sua verdadeira vocação se exteriori-

zou: a vocação literária.

Já era por esse tempo notável como literata, jornalista e poetisa.

Nessa época, chegou ao seu conhecimento que os nascituros de escravas estavam previamente destinados à “Roda” da Santa Casa de Misericórdia. Já perambulavam, mendicantes, pelas estradas e pelas ruas, os negrinhos expulsos das fazendas por impróprios para o trabalho. Não eram, como até então, “negociáveis” como seus pais, e os adquirentes de cativos davam preferência às escravas que não tinham filhos no ventre.

Anália escreveu, apelando para as mulheres fazendeiras. Trocou seu cargo na Capital de São Paulo por outro no Interior, a fim de socorrer as criancinhas necessitadas.

Num bairro de uma cidade do norte do Estado de São Paulo conseguiu uma casa para instalar uma escola primária. Uma fazendeira rica lhe cedeu a casa escolar com uma condição, que foi frontalmente repelida por Anália: não deveria haver promiscuidade de crianças brancas e negras. Diante dessa condição humilhante, foi recusada a gratuidade do uso da casa, passando a pagar um aluguel. A fazendeira guardou ressentimento à altivez da professora; mesmo assim, naquele local, Anália inaugurou a sua primeira e original “Casa Maternal”. Começou a receber todas as crianças que lhe batiam à porta, levadas por parentes ou apanhadas nas moitas e desvios dos caminhos.

A fazendeira, abusando do prestígio político do marido, vendeu que a sua casa, embora alugada, se transformara num albergue de negrinhos, resolveu acabar com aquele “escândalo” em sua fazenda. Promoveu diligências junto ao coronel e este conseguiu facilmente a remoção da professora.

Anália foi para a cidade e alugou uma casa velha, pagando de seu bolso o aluguel correspondente à metade do seu ordenado. Como o restante era insuficiente para a alimentação das crianças, não trepidou em ir, pessoalmente, pedir esmolas para a meninada. Partiu de manhã, a pé, levando consigo o grupinho escuro que ela chamava, em seus escritos, de “meus alunos sem mães”.

Num jornal local anunciou que, ao lado da escola pública, havia um pequeno “abrigo” para as crianças desamparadas. A fama, nem sempre favorável da novel professora, encheu a cidade. A curiosidade popular tomou-se de espanto, num domingo de festa religiosa. Ela apareceu nas ruas com seus “alunos sem mães”, em bando precatório. Moça e magra, modesta e altiva, aquela impressionante figura de mulher que mendigava para filhos de escravas, tornou-se o escândalo do dia. Era uma mulher perigosa, na opinião de muitos.

Seu afastamento da cidade principiou a ser objeto de consideração em rodas políticas, nas farmácias. Mas rugiu a seu favor um grupo de abolicionistas e republicanos, contra o grande grupo de católicos, escravocratas e monarquistas.

Com o decorrer do tempo, deixando algumas escolas maternais no Interior, veio para São Paulo. Aqui entrou brilhantemente para o grupo abolicionista e republicano. Sua missão, porém, não era política. Sua preocupação maior era com as crianças desamparadas, o que a levou a fundar uma revista própria, intitulada “Álbum das Me-

ninas”, cujo primeiro número veio a lume em 30 de abril de 1898. O artigo de fundo tinha o título “As mães e educadoras”.

Seu prestígio no seio do professorado já era grande quando surgiram a abolição da escravatura e a República. O advento dessa nova era encontrou Anália com dois grandes colégios gratuitos para meninas e meninos. E logo que as leis o permitiram, ela, secundada por vinte senhoras amigas, fundou o instituto educacional que se denominou “Associação Feminina Beneficente e Instrutiva”, no dia 17 de novembro de 1901, com sede no Largo do Arouche, em São Paulo.

Em seguida criou várias “Escolas Maternais” e “Escolas Elementares”, instalando, com inauguração solene em 25 de janeiro de 1902, o “Liceu Feminino”, que tinha por finalidade instruir e preparar professoras para a direção daquelas escolas, com o curso de dois anos para as professoras de “Escolas Maternais” e de três anos para as “Escolas Elementares”.

Anália Franco publicou numerosos folhetos e opúsculos referentes aos cursos ministrados em suas escolas, tratados especiais sobre a infância, nos quais as professoras encontraram meios de desenvolver as faculdades afetivas e morais das crianças, instruindo-as ao mesmo tempo. O seu opúsculo “O Novo Manual Educativo”, era dividido em três partes: Infância, Adolescência e Juventude.

Em 1º de dezembro de 1903 passou a publicar “A Voz Maternal”, revista mensal com a apreciável tiragem de 6.000 exemplares, impressos em oficinas próprias.

A Associação Feminina mantinha um Bazar na rua do Rosário, 18, em São Paulo, para a venda dos artefatos das suas oficinas, e uma sucursal desse estabelecimento na Ladeira do Piques, 23.

Anália Franco mantinha Escolas Reunidas na Capital e Escolas Isoladas no Interior, Escolas Maternais, Creches na Capital e no Interior do Estado, Bibliotecas anexas às escolas, Escolas Profissionais, Arte Tipográfica, Curso de Escrituração Mercantil, Prática de Enfermagem e Arte Dentária, Línguas (francês, italiano, inglês e alemão); Música, Desenho, Pintura, Pedagogia, Costura, Bordados, Flores artificiais e Chapéus, num total de 37 instituições.

Era romancista, escritora, teatróloga e poetisa. Escreveu uma infinidade de livretos para a educação das crianças e para as Escolas, os quais são dignos de serem adotados nas Escolas públicas.

Era espírita fervorosa, revelando sempre inusitado interesse pelas coisas atinentes à Doutrina Espírita.

Produziu a sua vasta cultura três ótimos romances: “A Égide Materna”, “A Filha do Artista”, e “A Filha Adotiva”. Foi autora de numerosas peças teatrais, de diálogos e de várias estrofes, destacando-se “Hino a Deus”, “Hino a Ana Nery”, “Minha Terra”, “Hino a Jesus” e outros.

Em 1911 conseguiu, sem qualquer recurso financeiro, adquirir a “Chácara Paraíso”. Eram 75 alqueires de terra, parte em matas e capoeiras e o restante ocupado com benfeitorias diversas, entre as quais um velho solar, ocupado durante longos anos por uma das mais notáveis figuras da História do Brasil: Diogo Antônio Feijó.

Nessa chácara fundou Anália Franco a “Colônia Regeneradora D. Romualdo”, aproveitando o casarão, a estroberia e a antiga senzala, internando ali sob direção feminina, os garotos mais aptos para a Lavoura, a horticultura e outras atividades agropastoris, recolhendo ainda moças desviadas, conseguindo assim regenerar centenas de mulheres.

A vasta sementeira de Anália Franco consistiu em 71 Escolas, 2 albergues, 1 colônia regeneradora para mulheres, 23 asilos para crianças órfãs, 1 Banda Musical Feminina, 1 orquestra, 1 Grupo Dramático, além de oficinas para manufatura de chapéus, flores artificiais, etc., em 24 cidades do Interior e da Capital.

Sua desencarnação ocorreu precisamente quando havia tomado a deliberação de ir ao Rio de Janeiro fundar mais uma instituição, ideia essa concretizada posteriormente pelo seu esposo, que ali fundou o “Asilo Anália Franco”.

A obra de Anália Franco foi, incontestavelmente, uma das mais salientes e meritórias da História do Espiritismo.

Referência: <http://bvesspirita.com/Biografias.html> - Site consultado em 22/05/2021

Fonte: Texto de Arnaldo Rocha, Trecho do livro “Chico Xavier – Mandato de Amor” - União Espírita Mineira – Belo Horizonte, 1992.

Carta de Ano Bom

Emmanuel

Ano Novo é também oportunidade de aprender, trabalhar e servir. O tempo como paternal amigo, como que se reencarna no corpo do calendário, descerrando-nos horizontes mais claros para necessária ascensão.

Lembra-te de que o ano em retorno, é novo dia a convocar-te para a execução de velhas promessas que ainda não tivestes a coragem de cumprir.

Se tens inimigos faze das horas renascer-te o caminho da reconciliação.

Se foste ofendido, perdoa, a fim de que o amor te clareie a estrada para frente.

Se descansaste em demasia, volve ao arado de tuas obrigações e planta o bem com destemor para a colheita do porvir.

Se a tristeza te requisita esquece-a e procura a alegria serena da consciência tranquila no dever bem cumprido.

Ano Novo! Novo Dia!

Sorri para os que te feriram e busca harmonia com aqueles que te não entenderam até agora.

Recorda que há mais ignorância que maldade em torno de teu destino.

Não maldigas nem condenes.

Auxilia a acender alguma luz para quem passa ao teu lado, na inquietude da escuridão.

Não te desanimes nem te desconsolés.

Cultiva o bom ânimo com os que te visitam dominados pelo frio do desencanto ou da indiferença.

Não te esqueças de que Jesus jamais se desespera conosco e, como que oculto ao nosso lado, paciente e bondoso, repete-nos de hora a hora: - Ama e auxilia sempre. Ajuda aos outros amparando a ti mesmo, porque se o dia volta amanhã, eu estou contigo, esperando pela doce alegria da porta aberta de teu coração.

Fonte: Antologia Mediúnica do Natal, espíritos diversos, 5ª edição, FEB, abril de 2002, página 24.

“(...) Negar a reencarnação é negar as palavras do Cristo.”

Allan Kardec – E.S.E, cap. 4 - item 16

Mão Divina

Antero de Quental

A luz da mão divina sempre desce,
Misericordiosa e compassiva,
Sobre as dores da pobre alma cativa,
Que está nas sendas lúcidas da prece.

Se a amargura das lágrimas se aviva,
Se o tormento da vida recrudescer,
Aguardai a abundância da outra messe
De venturas, que é da alma rediviva.

Confiado, esperai a Providência
Com os sentimentos puros, diamantinos,
Lendo os artigos ríspidos da Lei!

Os filhos da Piedade e da Paciência
Encontrarão nos páramos divinos
A paz e as luzes que eu não alcancei.

Fonte: Espíritos Diversos, Parnaso de Além-túmulo, página 113, 19ª edição, 2010, editora FEB – BR.

Mensagem

O calor das ilusões materiais com seus gozos já foi responsável pela queda de muitas pessoas e civilizações.

O distanciamento do Evangelho leva ao desespero a multidão de infelizes que caminha de forma desarvorada pela evolução, mais tempo estacionada do que crescendo em direção à luz.

É preciso compreender de uma vez por todas que o Evangelho é o roteiro seguro, que fora desse caminho só encontraremos decepções e abismos.

O cristão deve se consagrar a viver por esse roteiro e assim, caminhar com Jesus.

Tenhamos força de vontade e coragem que alcançaremos o final da jornada melhor do que a iniciamos.

Que Deus ampare a todos.

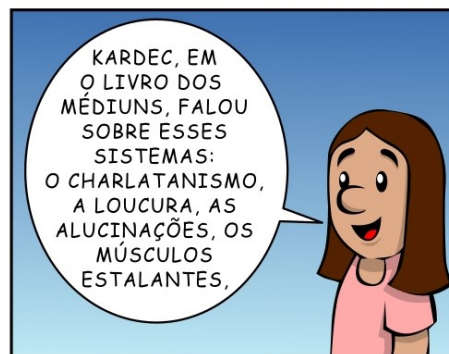
Um amigo

Espitirinhas

Wilton Pontes



409 - L.M. - SISTEMAS



(L.M. = Livro dos Médiuns)